

URBANO TAVARES RODRIGUES: LITERARY AND CULTURAL ITINERARIES TROUGH ENGLAND AND THE USA

Isilda Leitão¹

Abstract:

Writer, university professor, journalist, literary critic, politician, Urbano Tavares Rodrigues (1923-2013), with more than fifty years of literary life, was an indefatigable traveler in Europe, USA, Africa or Asia. Although this rich facet of a cultured traveler, of trotamundos, for professional or simply “touristic” reasons is ignored and even forgotten, it is this facet we intend to address with our communication.

His travels, expressed in notes that record all this dust from multiple years of wandering around the world, around [himself] and meeting the other, privileged places like England and the USA. In this way, some of their chronicles and travel notes, gathered in the works *Journeys in Europe* and *From Florence to New York*, alluding to those two countries, written in the fifties and sixties of the last century, were analyzed. Although they are, according to the author, notes thrown on paper with verbal abundance, the eagerness of expression of the first impulse, they nevertheless reflect the author's high stylistic level, his profound ability to analyze the surrounding reality and, above all, they surprise by the timeliness of some of their descriptions and reflections. So, the aim of this communication is to provide the literary and cultural contents, in order to do these itineraries.

In this research, we opted for a qualitative approach. We also partially follow the typology of Fernando Cristóvão (2009), since it seemed to us to be able to include the corpus of "chronicles" and "notes" that we choose, as an object of analysis, between two types: cultural journeys and journeys of great journalistic reporting.

Key words: literary and cultural itineraries, England, USA.

¹ Professora-Coordenadora / *Senior Lecturer* (PhD)
CITUR (E.S.H.T.E.) e IELT (Universidade Nova de Lisboa)
isilda.leitao@eshte.pt

INTRODUÇÃO – URBANO TAVARES RODRIGUES – O CIDADÃO ESCRITOR, O ESCRITOR VIAJANTE E AS SUAS VIAGENS

“a vida é uma viagem, como a das ondas, melodia passageira...”
(U. T. R., *Jornadas na Europa*)

Resumo

Escritor, professor universitário, jornalista, crítico literário, político, Urbano Tavares Rodrigues (1923-2013), com mais de cinquenta anos de vida literária, foi um viajante infatigável pela Europa, EUA, África ou Ásia. Embora por vezes ignorada e mesmo esquecida, é esta sua rica faceta de *viajante culto*, de *trotamundos*, por motivos profissionais ou simplesmente “turísticos”, que pretendemos abordar com esta comunicação.

As suas viagens, expressas em notas *que registam toda essa poeira de anos múltiplos de andanças pelo mundo, em torno de [si] próprio e ao encontro de outros*, privilegiaram lugares como a Inglaterra e os EUA. Deste modo, foram analisadas algumas das suas crónicas e apontamentos de viagem, alusivos a estes países, escritos nos anos cinquenta e sessenta do século passado, reunidos nas obras *Jornadas na Europa* e *De Florença a Nova Iorque*. Embora sejam, segundo o autor, *notas lançadas ao papel com a abundância verbal, a avidez de expressão do primeiro ímpeto*, não deixam, contudo, de reflectir o alto nível estilístico do autor, a sua profunda capacidade de análise da realidade envolvente e, sobretudo, surpreendem pela actualidade de algumas das suas descrições e reflexões. Neste sentido, o objectivo desta comunicação é fornecer os conteúdos literários e culturais para a realização destes itinerários.

Optámos, nesta investigação, por uma abordagem fundamentalmente qualitativa. Seguimos também parcialmente a tipologia de Fernando Cristóvão (2009), dado que nos pareceu poder incluir o *corpus* das «crónicas» e «notas» que escolhemos, como objecto de análise, em dois tipos: as *viagens culturais* e as *viagens de grande reportagem jornalística*.

Palavras-chave: itinerários literários e culturais, Inglaterra, EUA

Para compreendermos um pouco o percurso de vida deste *cidadão escritor* (sempre preocupado com as causas sociais), tentaremos resumir, em poucas palavras, a sua biografia, bem como a sua faceta de *escritor-viajante*, a fim de melhor compreendermos os textos deste artigo.

Nasce em Lisboa (1923) filho do dramaturgo Urbano Rodrigues. Com três anos, muda-se para as terras alentejanas de Moura, onde passa a infância e a adolescência, facto decisivo que marcará a sua vida e obra. Volta a Lisboa, para cursar Direito, que abandona posteriormente, para seguir a licenciatura de Filologia Românica.

Muda-se (1953) com a mulher, a escritora Maria Judite de Carvalho, e com a filha, para Paris, onde exerce as funções de leitor na Faculdade de Letras da Sorbonne (1952-1955), cargo que já havia exercido anteriormente em Montpellier (1949) e Aix-en-Provence (1951). Ainda na década de cinquenta (1957-59) volta a Portugal, onde lecciona, entre outros estabelecimentos de ensino, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1957-1959), sendo igualmente co-director do jornal literário *Europa*.

Ao defender os valores da democracia, característica que o marcará ao longo da vida, apoia, em 1958, a candidatura à Presidência da República do General Humberto Delgado, que perde nesse ano, por fraude eleitoral, as eleições e é mandado assassinar (1965, Badajoz, Espanha) pelo ditador e Chefe do Governo português (1932-1968), António Salazar. Deste modo, é forçado, por motivos políticos, a abandonar a docência naquela Faculdade, onde só voltará a leccionar após a *Revolução dos Cravos* (25 de Abril de 1974).

Durante a Ditadura (1928/33-1974), é preso várias vezes pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), pela sua actividade literária e intervenção política, tendo passado, em 1968, cinco meses de isolamento total no estabelecimento prisional de Caxias. Aí escreve, em papel higiénico e com uma mina de lápis, a sua obra *Contos da Solidão*. É espancado e preso, em 1969, aquando da sua candidatura pelo círculo de Beja, às eleições legislativas da Assembleia da República, contra a União Nacional, o partido da Ditadura.

Ao candidatar-se, em tempos “de medo e solidão” (como cantaria Adriano Correia de Oliveira), a esta eleição, Urbano pretendia representar e dar voz, com a coragem que o caracterizava, às gentes humildes e exploradas (como o “Papa-Léguas”, o “Chico do Pelico”, o “Moio”, o “Grifo”, personagens do conto “Tomada da Primavera”, 1969) do Alentejo e de Portugal.

O filme, produzido pelo cineasta Manuel de Oliveira em 1982, *Visita – Ou Memórias e Confissões*, que nunca chegou ao grande público e onde o escritor participou, retrata autobiograficamente os dissabores que tanto o cineasta como U. T. R. sofreram nas mãos da PIDE.

A estreia como romancista dá-se na década de cinquenta, com a obra *A Porta dos Limites* (1952), e a partir daí não mais parará a sua vasta produção literária, que inclui contos, novelas, romances, ensaios, livros de crítica, crónicas e narrativas de viagem, facto que lhe valeu, sobretudo nos últimos anos, prémios e homenagens, a nível internacional e nacional. No entanto, a sua obra já se encontrava traduzida, desde a década de sessenta, entre outros idiomas, para o espanhol, o checo, o russo, o italiano, o alemão, o polaco, o francês, o sueco, o holandês, o búlgaro ou, mais recentemente, o chinês.

Os espaços que o *escritor viajante* visita, em território nacional ou internacional, servem para evocar alguns dos mestres mais relevantes, da Literatura, da Pintura, da Ciência ou do Cinema, no caso, europeus ou americanos, aproveitando, assim, para discorrer sobre a sua importância na viagem da Humanidade.

1. METODOLOGIA

Seguimos, nesta investigação, uma abordagem fundamentalmente qualitativa, baseada no estudo de fontes documentais, nomeadamente literárias e histórico-culturais. Seguindo a tipologia de Cristóvão (2009), pareceu-nos poder incluir o *corpus* das «crónicas» e «notas» que escolhemos, como objecto de análise, entre as *viagens culturais* - que aludem à história e cultura de um país, de uma região, seus escritores, monumentos, artes, mentalidade, costumes, gastronomia ou vida social - e as *viagens de grande reportagem jornalística* - pois embora neste caso específico estas não presenciem e descrevam as consequências ou efeitos de revoluções bélicas (2009) registam o impacto (económico, social, cultural, político, científico) da Revolução Industrial, sobretudo nos E.U.A.

De acordo com Herbert (2001: 314-316), as pessoas visitam os lugares literários por diferentes motivos. O primeiro, diz respeito ao que se relaciona com a vida dos escritores. O segundo, tem a ver com lugares, reais ou imaginados, referidos nas suas ficções, que lhes dão um especial significado. O terceiro, prende-se com a vontade de experienciar uma emoção mais profunda do que a transmitida pelo escritor ou pela história. Estas são consideradas as qualidades excepcionais de um lugar literário.

Ao ser reconhecida à Literatura a capacidade de interligar os lugares ficcionais com os reais (Deprest, 2004), potenciando experiências turísticas profundas (Watson, 2006), ela torna-se cada vez mais não num recurso subsidiário, mas numa das formas de promoção e desenvolvimento desses lugares, seja na Europa, seja em países não europeus (Leitão, 2016). Veja-se a importância conferida às “cidades da Literatura” pela UNESCO, em 2004, e as potencialidades que apresenta o *património literário como recurso turístico e educativo* (Jordi-Pumarola, 2019), bem como o contributo que os profissionais de turismo, devidamente preparados, poderão ter para ampliar essas experiências turísticas (Leitão, 2016).

Além dos motivos atrás apontados, há outras experiências que podem ser usadas para promover o interesse dos lugares literários. Eles podem tornar-se pontos de paragem dentro de um itinerário turístico mais abrangente, que compreenda a visita a catedrais, igrejas ou casas de campo. Farão igualmente parte dessas experiências o enquadramento e o envolvimento cénico, como os jardins e as paisagens, bem como um conjunto de recursos, que vão da gastronomia aos *souvenirs*.

Enquanto forma literária, o estatuto dos *livros de viagem* revela-se como *género ou subgénero fronteiriço, impuro, contaminado*. Assim, com o guia turístico, o livro ou a crónica de viagem partilha o carácter informativo, excluindo a subjectividade do autor; com a autobiografia, o facto de ser directa ou imediatamente vivido pelo escritor, logo, revela o seu temperamento, sensibilidade e ideologia; com a novela ou com o romance, o facto de apresentar uma acção humana (a de viajar), a cargo de uma personagem (o viajante), desenvolvida num espaço e tempo dados, segundo uma determinada perspectiva (López Molina: 2004).

Destes relatos ressaltam, assim, aspectos informativos como: alusões à vida quotidiana (diurna e nocturna); ao clima; ao espaço, onde se processa esse quotidiano, como os bairros, as ruas, as avenidas, as praças, os parques, os meios de transporte. No que respeita ao espaço, o(s) escritor(es) pode(m) referir o tipo de património edificado

que nele se encontra, como museus, pontes, monumentos, edifícios públicos e privados, a arquitectura civil e industrial.

Paradoxalmente, as *notas* e *crónicas* de viagem de Urbano Tavares Rodrigues (U.T. R.) revelam-se mais afins aos *livros de viagens*, pois todas elas revelam um permanente sentido crítico, uma grande sensibilidade e uma observação rigorosa, não se limitando à mera informação denotativa, como acontece nos *guias* de viagem, ou como ocorre com a grande maioria dos relatos dos *viajantes escritores* do século XXI, que ficam pela superfície da informação e da reflexão como é o caso, por exemplo, dos autores de *travelogues*, que aparecem nos suplementos dos jornais de sábado ou de domingo.

Em analogia com o que ocorre com a *Literatura de Viagens*, os *escritores viajantes* descreveram e reflectiram sobre as sociedades que visitaram e/ou onde viveram. Utilizamos o termo *Literatura de Viagens* de forma abrangente, remetendo-a ao período geral definido por Cristovão (2009), que inclui nele o momento da Expansão e das Descobertas Portuguesas, nos séculos XV e XVI, e se estende até ao século XIX. Apesar das diferenças (que Cristovão subdivide em *etapas*), nele estão integrados *escritores viajantes*, que realizaram o seu *Gran Tour* entre os séculos XVII a XIX, alguns ligados à nobreza, e *viajantes escritores*, da nobreza ou alta burguesia, que se encontravam por lazer e conhecimento, ou em missões diplomáticas, de negócios, científicas, religiosas ou outras, em países estrangeiros, nesses séculos.

Apesar do fenómeno turístico - também relacionado com o desenvolvimento dos transportes - ter alterado, a partir do século XIX, o “*modus operandi* na escrita”, podendo dar origem a uma “nova literatura de viagens” (Cristovão, 2009: 14), que ainda se encontra na actualidade, pensamos que o mesmo interesse social, e não apenas turístico, poderá ocorrer com escritores do Naturalismo/Realismo do século XIX, europeus e portugueses, como Ramalho Ortigão (1836-1915), ou como o cônsul e escritor Eça de Queirós (1845-1900), que também visitou, entre outros países, os EUA.

No caso português, a título de exemplo, já no século XX, o mesmo ocorre com *escritores viajantes* como Manuel Teixeira-Gomes (1860-1941) (viagens culturais e de auto-exílio), Ferreira de Castro (1898-1974) (viagens culturais e viagens da emigração), ou com alguns escritores exilados politicamente, como o *realista ético* (situado intelectualmente entre o grupo da “Seara Nova” e os escritores do Neo-Realismo) José Rodrigues Miguéis (1901-1980). Este último aborda nas suas obras as viagens europeias e as de emigração, como em *Gente de Terceira Classe* (1ª ed. 1962) ou de exílio/expatriamento (Lourenço, 1984) nos EUA, para onde parte, em 1935, e onde viveu, até à sua morte, em Nova Iorque.

Como na *Literatura de Viagens*, no seu sentido lato, também em U. T. R. as classes sociais, mais ou menos heterogéneas, as diferentes etnias (nos EUA, brancos, negros, chineses), mais ou menos integradas na sociedade, o aspecto dos transeuntes, mais ou menos cosmopolitas, as profissões - do político ao *business man*, do intelectual ao cientista ou ao operário fabril - são igualmente referenciadas. Vejamos, a título de exemplo, como o escritor descreve o Comandante do Boing 707, o “Château de Versailles”, já na posse da “Air France”, retratando-o como uma figura algo paradoxal, que não se enquadra na imagem que costumamos fazer deste tipo de pessoas (Rodrigues, 1963: 257):

“Era o comandante um homem de cerca de quarenta anos, baixo, sereno, de bigode, não com a aparência de um espalha brasas, o cavaleiro do ar, como outros com quem tenho privado, mas antes semelhante a um médico de província ou a um professor de laboratório. [...] Vinte e três anos de serviço, 14000 horas de voo, a cruz de guerra – tais eram os seus títulos, além dos que a Universidade Técnica lhe outorgara.”

Nos costumes, tal como os *escritores viajantes* e os *viajantes escritores da Literatura de Viagens*, U.T.R. evidencia os hábitos gastronómicos (no caso, a *Pepsi/Coca Cola*, nos EUA), o tipo de vestuário (de ingleses e americanos), ou então as práticas sociais: religiosas (formas de culto); de lazer (no caso, a música, como o jazz; as salas de espectáculo, os cinemas, os teatros, os cabarets); o gosto ou não pelo ar livre e pelo desporto. Como *escritor viajante* ou apenas como jornalista, Urbano, muito contemporaneamente, alude, embora sempre para exprimir algum tipo de reflexão do foro cultural, político ou social, o tipo de apoio de recursos e serviços turísticos, como o tipo de alojamento, referindo, por exemplo, o luxo dos hotéis em que pernoita.

2. JORNADAS NA EUROPA – A INGLATERRA

Sobre a Europa, afirma Rodrigues que ela “tem para mim, sem qualquer espécie de «chauvinismo», político, rácico ou estético, um profundo valor moral e afectivo. É a família cultural a que pertença, família complexa e ramificada pelo mundo” (1958: 11-12). Sem pretender “oferecer ao leitor”, com esta colectânea, uma “perspectiva europeia”, o Autor pretende que estes relatos de viagem expressem a sua “vontade insatisfeita de compreensão e interpretação dos povos”. Pretende encontrar na Europa, através da “paisagem, da arte, dos costumes, do anedotário, das grandes viagens ou das crises axiais de determinado país ou cidade [...] a sua «alma», o essencial dos seus traços psicológicos e morais” (1958: 12).

Assim, na década de cinquenta, “Jornadeando [...] por uma parte da Europa”, viu “monumentos, multidões, gentes laboriosas e gentes festivas”, assistiu “a grandes explosões de alegria e de cólera (manifestações, julgamentos, greves, regressos triunfais de heróis públicos, de tropas expedicionárias, de artistas célebres)”, viveu “com os naturais de alguns países - sobretudo em França – ombro a ombro com eles, partilhando [...] as suas emoções e os seus problemas” (1958:12). Urbano apresenta, deste modo, alguns dos “grandes traços europeus”, como o francês, o alemão, o neerlandês, o espanhol, referindo-se assim aos dos ingleses: “o aristocratismo e o mercantilismo britânicos, o romantismo e o génio empírico dessa Inglaterra paradoxal” (1958: 13).

É sobre a Inglaterra romântica e genial que escreve dois textos, também eles sublimes: “Os Nevoeiros do Tamisa e a Imutabilidade da «Londres Maravilhosa»” (1954) e “Cambridge – Cidade da Juventude. O Mito de Shakespear em Stratford-On-Avon” (1954). Em ambos os textos, podemos seguir um itinerário onde abunda a descrição não só do património material e imaterial (da arquitectura à música, da escultura à pintura), mas também humano e vivencial, destacando-se, neste caso, os

espaços de sociabilidade exterior (ruas, praças, avenidas), e interiores (restaurantes, teatros, cinemas, museus), o que permite delinear um itinerário literário, onde o narrador evoca também, como forma de homenagem, como forma de prestar culto, textos e escritores lusos e ingleses da sua predilecção.

2.1. “Os nevoeiros do Tamisa e a imutabilidade de «Londres maravilhosa»” (1954)²

“E Londres ficará na minha lembrança, antes de mais, antes de tudo, como a cidade do Tamisa brumoso, desse álgido rio plangente, em cujo nevoeiro tantos dos artistas ingleses aprenderam o segredo de existir nas coisas envolventes e difusas.”

(U.T.R., “Os nevoeiros do Tamisa...”)

Percorramos, então, os *nevoeiros do Tamisa* e a *Londres maravilhosa* e imutável de Urbano, que ali relembra outro escritor, Teixeira-Gomes, e uma época e um espírito próprio, que nem a 2ª Guerra Mundial quebrou. Na “primeira noite” **Picadilly Circus, Regent Street, Oxford Street:**

“eram uma festa de cor, carnaval efémero de néon, hysterizando as fachadas, logo apagadas, logo renascidas [...] ao lado [das] grossas colunas dos solenes **edifícios londrinos** [...] Os automóveis e os “**trolley-bus**” em cortejo sem fim, paravam a todo o momento, como numa prova de paciência, junto das «**zebras**» – as passadeiras de Londres. Pelas ruas desfilava uma multidão rumorosa, mas serena. Vendedores ambulantes surgiam pelas esquinas, com bazares de uvas e laranjas [...] como aquelas que o nosso Cesário Verde concedia [...] à gula vegetal dos filhos de Albion. [...] Havia [...] murmurantes serpentes humanas, defronte do **teatro Garryck** ou das «Folies Bergères», imitação de Paris, ou de um cinema, onde estava a ser projectado o primeiro filme em cinemascópio: a «Túnica» («The Robe»). À porta [...] um músico ambulante tocava numa velha concertina uma área sugestivamente britânica, que devia evocar seguramente os verdes prados húmidos da sua terra natal, os doces vales e alamedas aristocráticas [...] A **música regional inglesa**, até quando se passeia, assim humilde, pelas ruas, tem sempre um sabor discreto, familiar e romântico, um aroma bailado de campo, um choro melódico de chuva” (1958:125-126).

Prossigamos este itinerário literário em direcção ao **Soho**, onde, “ansioso” o Autor vai ao

“encontro de um perfume: o da *Geração Perdida* de Aldous Uxley – a dos artistas sem norte do primeiro após-guerra, complexos [...] vestidos de paradoxos, máscaras de amargura [...] troçando da vida, bebendo sem esperança na fonte do amor, com ironia [...] Encontrámos apenas **um bairro cosmopolita**, sobriamente pitoresco [...] Os transeuntes eram, é certo, diferentes dos de Regent Street [...] **árabes** [...] **hindus**.

² Os títulos que seguem, que encimam os diferentes capítulos e subcapítulos, são os dados pelo Autor às suas crónicas.

Nomes **franceses, italianos, turcos, espanhóis**, liam-se nas portas dos **restaurantes**. Muitos «**pubs**». Cigarros ardendo, em plena rua, nuns sorrisos loiros de mulher, cansados e venais” (1958: 126).

Do **Soho**, dirige-se, de «táxi», para o **Tamisa**, para “cumprir um rito: ver o Tamisa, de noite. Ver os **cais**, misteriosos [...] onde Teixeira-Gomes passeou os seus fastios da «Londres Maravilhosa»; onde o seu coração humano palpitou, para brotar as palavras acaso mais comovidas que nos deixou [...]. Lá ia tomar o seu banho lustral de pureza, a horas mortas, junto das livres gaivotas, revendo-se no perfil aventureiro e enigmático dos mastros.” Aqui, a fraterna homenagem a Manuel Teixeira-Gomes, Presidente da República e escritor olvidado, «tão mal conhecido», na época e mesmo nos nossos dias, é total” (1958: 126)³. E acrescenta:

“gostaria de lhe dar o braço e ir com ele, de novo, pelos cais soturnos do Tamisa, atravessar as **pontes** geladas de frio e de névoa [...] Deter-me uma vez mais defronte das **Casas do Parlamento**, fantasma gótico eriçado de coruchéus agudos como pontas de diamante, com um relógio de fogo rutilando na neblina. [...] o **Big Ben** subitamente lançou sobre Londres o seu apelo patético, em lamentos de bronze. Era a Londres Maravilhosa dos encontros românticos, dos amores impossíveis, dos sublimes revoltados, que para mim acordava nesse som de bronze: uma Londres austera, pátria severa e sagrada de Shelley e de Byron” (1958: 127).

Na manhã seguinte, Urbano retorna à “**ponte de Westminster**, para a ver à luz do dia”, ao contrário do habitual cinza londrino, o “céu azul [...] muito claro [...]” (1958: 128). Entra na **Abadia de Westminster**

“à hora de culto. A **bandeira britânica** hasteada [...] O coro entoava uma prece [...] pairava, serena, na igreja, a piedade; e nos rostos dos fiéis, belos, nesse momento, como os rostos góticos dos portais medievos, dessa beleza feita de paz que só a pedra conserva – nessa sinfonia de rostos erguidos, eu senti ou imaginei o que de quase angelical, de harmonioso, há neste domingo religioso de Londres [...] o **coro** elevava-se, de vez em quando; e eu sentia invadir-me um quebranto, uma melancolia sem limites, saudade de pureza, de madrugada, de princípio...” (1958: 128).

Subindo **White Hall**, o viajante aventureiro “sempre à procura de novas emoções, de novos cenários, de imagens pitorescas”, descobre “então **Trafalgar Square**”, que para ele era “como um dom [...]”(1958: 131). Apetecia-lhe

³ Não admira que em 1984, como forma de lhe prestar a atenção merecida, fizesse a tese de doutoramento sobre o escritor e, em 2010, ano em que se comemorou os 150 anos do seu nascimento, estivesse à frente de uma re-edição das suas *Obras Completas*.

“cantar [...] os enormes **repuxos** subiam no pano de fundo imponente da **National Gallery** e eram um prodígio, um sortilégio nórdico de água e de luz: subiam, irisados, em finos jactos [...] logo se desfaziam em gotas de frescura que aspergiam aquele povo ingénuo de burgueses londrinos, começando o domingo, ajoelhados, a darem de comer às pombas, entre sorrisos, na palma da mão. [...] No topo de uma altíssima **coluna coríntia**, a **estátua de Horácio Nelson** dominava a praça, decorosa, sóbria e enérgica.” (1958: 128). Da National Gallery leva na memória “uma sinfonia de anjos de Piero della Francesca e uma Vénus de Giorgione, lânguida, sensual” (1958: 131).

De tarde, com o escritor Alberto Lacerda, vai à **Tate Gallery**. Estabelece um confronto entre as pinturas dos impressionistas que aí encontra – as de Van Gogh, Renoir, Toulouse-Lautrec, Monet - com as pinturas dos mesmos autores no “Jeu de Paume” em Paris⁴. Na Tate, visita igualmente o “santuário” de Turner - “Paraíso aquático de um poeta da luz, o único até hoje entre os homens que tentou pintar o sol, ambição divina!”- ou seja, o escritor depara-se com um lugar onde a “impressão de irrealidade, de maravilha, do infinitamente delicado” (1958: 130) se conjugam de forma duradoura e sempre fascinante.

Vagueando pelas ruas de Londres, acode-lhe à memória o contraste paradoxal do espírito inglês, essa “alma romântica” de uma “gente” que “fez a primeira revolução comercial” e industrial e que, ao mesmo tempo, “dá à Europa Shakespear e Keats, Wilde e Laurence” (1958: 130). Encontra, nesse seu deambular, nas **casas de chá**, nos restaurantes, nos **bus** ou no **metropolitano**, “os mais formosos rostos de rapariga”, com “olhos ainda virgens de dor e por isso pouco profundos”, como “nos quadros aristocráticos de Lawrence” ou de Reynolds, “meninas que parecem nunca poder envelhecer” (1958: 130).

Na **City**, o que mais o surpreende “pelo inesperado, pelo sabor tradicionalista” é o “delicioso” “**chapéu de coco**”, e para o narrador o “desfile de cocos”, a “certas horas do dia”, recorda-lhe as “páginas dos longos e lentos capítulos de Dickens”, bem como os diferentes actores/personagens que percorrem este espaço e os dos seus romances: “tabeliães”, “escriturários”, “homens de negócios”, “modestos empregados de morna vida pautada, cheios de doces e aventureiros sonhos irrealizáveis” (1958: 131).

É novamente junto ao rio **Tamisa**, que o “apaixona”, que termina o seu périplo. Na visita que faz à “**Torre**”, “Cidadela violenta, guerreira, maciça, transformada hoje em museu”, Urbano regressa a uma “Idade Média” “rotulada, armazenada”, onde se roça “entre instrumentos de tortura, armaduras, canhões esculpidos, jóias da coroa” (1958: 131-132). Ao cair da noite, junto da **ponte aérea**, “rangiam mastros” e

“Ouvia-se, de espaço a espaço, o mugido lúgubre das sereias. [...] As sombras desciam, enormes, bruscas, sobre a cidade. Já as primeiras luzes eléctricas apareciam. [...] Um frio desolador, um frio cruel, varria o cais. E, não obstante, eu não podia arredar dali.

⁴ Esta colecção, anteriormente instalada perto do Museu do Louvre, encontra-se actualmente no Museu do Quay d’ Orsey, em Paris.

Sempre adorei a atmosfera inquieta ou estagnada dos portos, dos cais, a faina dos marítimos ou o silêncio das águas, os rolos de fumo incerto dos **vapores**, a despedida grácil das velas” (1958: 132).

2.2. “Cambridge – cidade da juventude” – Castelo de Kenilworth. Castelo de Warwick – “O mito de Shaskepeare em Stratford-on-Avon” (1954).

“Oxford é, segundo parece, cosmopolita. Cambridge inteiramente britânica.”
(U. T. R., “Cambridge - Cidade da Juventude”)

Tendo deixado o “Verão em Paris”, e encontrado **Londres**, em Junho, ainda com “falta de sol”, após as visitas a amigos e um passeio, de barco, no “**Serpentine**” de **Hyde Park**, resolve ir a Cambridge, num dia, como os outros, “amortalhado em cinzas”, embora “com os campos verdes e mansos, serenos e verdes de confiança” (1958: 135).

A paisagem, industrial, agrícola e florestal de Inglaterra, que nos recorda o filme *How Green Was My Valley*⁵, surge, deste modo, na pincelada de Urbano: “**Fábricas fumegantes** e «cottages» cercadas de «pelouses» e **plantios, prados** que parecem aparados à tesoura, com **ovelhas** meigas e brancas, imóveis como em estampas; **bosques** comedidos de carvalhos e tílias redondas, de teixos e bétulas; amiúde o **vermelho-tijolo das casas** discretas, uniformes. Decerto a paisagem mais repousante da Europa” (1958: 136). Paisagem natural esta que Urbano não deixa de comparar à de França, sobretudo à da região da Provença.

Para o escritor, o ambiente da cidade universitária de “**Cambridge** não impressiona sobremaneira de início. É preciso deixarmo-nos penetrar pela atmosfera, pouco a pouco, sem pressa, para experimentarmos ao cabo uma suave euforia, quase insensível e deliciosa” (1958: 136). Após estas considerações, num devaneio constante, retoma o *viajante culto* o seu itinerário artístico, literário, e humano:

“O passado, o presente e o futuro da cidade da adolescência fundiam-se [...] em mim. Num canal pouco profundo, entre o **Saint John`s** e o **Trinity College**, junto do qual estive recordando o «Child Harold» [...] passavam **barcos** esguios, movidos à vara por estudantes tranquilos [...]. Eram figuras intemporais, espuma da vida a transcorrer numa cidade gótica embebida em verde. [...] Em frente a Saint John`s, num vasto «**court**» de **ténis**, saltavam e cruzavam-se silhuetas alvas de adolescentes em movimento constante. Vistos de perto [...] tinham quase todos aquela distinção característica que é a grande marca das grandes escolas inglesas [...] Ao longe, indistintamente, eram apenas a mocidade, um quadro simples e belo [...]”(1958: 138).

Esta “sensação de pureza” que sente, “mais que uma simpatia estética” torna-se, no narrador, um “milagre da memória” (1958: 138). Recorda, então, Santiago de

⁵ Filme realizado por John Ford, em 1941, baseado no romance de Richard Llewellyn, com o mesmo nome (em português, “Como era Verde o meu Vale”).

Compostela e uma experiência dupla de aprendizagem: “quando, estudante ainda [...] aprendia a jogar o ténis com uma inglesinha arisca e sardenta, que me recitava Shelley e se chamava Judy” (1958: 138).

Na **Capela do King's College**, entra “em encantamento”, pelo efeito de “fantástico” que lhe provocam os vitrais “cor de vinho e ouro”, com cenas da “Paixão de Cristo e do Velho Testamento”, fantástico esse que lhe recorda o “surrealismo autêntico” contemporâneo, que rompe com a “pintura moderna”. Reflectindo sobre a História da Arte, afirma com ironia que “os demónios foram corridos dos espíritos pela razão lúcida do Senhor Renan” e apenas conseguiram sobreviver nas suas manifestações medievais: “ficaram exilados nos vitrais das igrejas e nas gárgulas disformes que escorrem as águas da chuva” (1958: 138-139).

Na Capela, também lhe desperta a atenção as “colunas delgadas da nave [...] que terminam em explosões de pedra, finíssimas nervuras, como repuxos, como fogo de artifício, que se entrelaçam apertadamente por toda a abóboda, formando uma teia singular” (1958: 139)

Dirige-se, finalmente, ao “**país de Shakespeare**”. Vê, assim, um *sonho* realizado, visto que da primeira vez que visitara Inglaterra não pudera ir a esta região. Define este dia como de “impressões variadas mas felizes”, um dia “caleidoscópico, mais turístico” do que desejava, mas “compensador” (1958:139).

Visita, pela manhã, o **Castelo de Kenilworth**, “em ruínas, com um grande ar romântico e soturno – assembleia de ossadas góticas a cavaleiro numa colina relvosa, às portas de uma **cidadezinha gentil e bem inglesa**, embalada em bosques, de cuja maciez aquele fantasma vermelho ressalta, num patético cenográfico de sentinela inútil, que os séculos não ousaram domesticar” (1958: 139).

Já a impressão causada pelo **Castelo de Warwick** foi diferente. Do interior do Castelo destaca “alguns Van Dyck, nostálgicos e aristocráticos, como tudo o que Van Dyck pintou, e dois ou três retratos de Holbein, em que a interpretação do modelo, prodigiosamente comunicativa, rivaliza com o esplendor exaltante das púrpuras” (1958: 140). Lembrando-se, talvez, da *gothic novel*, acrescenta ainda que “Existe além disso [...] uma sala de aparições”, mas considera que “O cenário é demasiado doce para almas penadas.” (1958: 140). Terminados os “ritos da visita”, o viajante erra

“vagarosamente pelos **jardins sedativos do castelo**, alfombrados de verde e com maciços de rododendros, com manchas carminadas de olaias e flores veludas, por entre a espessura das ilhas de castanheiros e carvalhos. Estendi-me num liso relvado e veio-me à lembrança a importância do sol para Aldous Huxley que dele fala com volúpia animal numa curta novela situada em Itália [...] Nunca eu compreendera tão bem como agora, numa Inglaterra quase sem sol, o valor daquela poeira de ouro [...] que me ia avigorando e enchendo de paz” (1958: 140).

Em **Stratford-on-Avon**, seguimos as passadas do viajante, que visita a **casa** onde o autor de *Hamlet* nasceu, bem como a “**cottage**” de sua mulher, **Anne Hathaway**, em **Shottery** (Stratford) onde o escritor “morou e compôs [...] várias peças”, afirmando que visitara igualmente a igreja onde está sepultado o “genial comediante”, visto que,

para ele, “Foi como actor que Shakespeare me apareceu [...]”, pois “nada tinha com aquele pitoresco [...]” (1958: 140-141).

Destaca ainda aquilo que vale a pena ser visto na cidade natal do “mago de sentimentos eternos”: as “**casinhas do século XVI**, acachapadas sob enormes telhados de colmo, com traves encastradas na brancura das paredes e com sugestivas lareiras, ornadas de utensílios domésticos que são hoje peças de museu” (1958: 141). Finaliza o seu relato, declarando que, para ele, Shakespeare “merece ser pensado fora de cenários históricos, sujeito ao pormenor [visto que ele se] desligou da presença humana que ali podemos evocar. É incronológico, é menos William Shakespeare que do que as vozes de «Hamlet», «Macbeth», de «Coriolano», de «Othelo», é uma voz ressoando sobre o tempo, sobre o espaço, no grande palco dos mitos [...]” (1958: 141).

3. DE FLORENÇA A NOVA IORQUE - “ESTADOS UNIDOS – ENTRE LISBOA E O OCEANO PACÍFICO” (1960)

“Notas extensas ou curtas, sobre terras, homens e livros, caderno de viagem com esboço de cidades, de paisagens e casos, encontros com artistas ou gente de acaso, com ideias e cores, palavras e paixões, ou apenas com sonhos [...]”

(Urbano Tavares Rodrigues, *De Florença a Nova Iorque*)

“Colombo era um génio. Procurava o Paraíso e descobriu o Novo Mundo. Ainda não é demasiado tarde para que o Novo Mundo se torne no Paraíso.”

(Paul Aster, *A Trilogia de Nova Iorque*)

Como afirma o escritor, no curto prólogo que antecede a obra *De Florença a Nova York*, estas “prosas díspares tiveram muitas delas, na origem, a condicioná-las, os imperativos jornalísticos” (1963: 9)⁶, na “precipitação jornalística de ter de escrever”, condicionado pela “marcha da sociedade, accionada pela revolução constante da ciência”, que “vai nos nossos dias infinitamente mais depressa do que o movimento interior dos homens [...], mesmo desses que premem os botões de grandes experiências técnicas onde se desenham os planos do futuro” (1963: 252).

O texto sobre os Estados Unidos está dividido em cinco partes: (I) “O primeiro «raid» de Nova Iorque a Marselha num avião a jacto intercontinental”; (II) “Primeiros contactos com a América: Os Mitos de Perfeição e o Fenómeno da Solidariedade Americana”; (III) “Velocidade – Palavra - chave da vida americana e os aspectos fascinantes da criação científica nos laboratórios de pesquisa espacial em Seattle” - esta terceira parte está ainda dividida em pequenos subtemas como a “Genealogia Aeronáutica: “Do «Boeing 707» ao avião supersónico”; “No Mundo do futuro”; “O Dyna-Soar”, “A medicina especial e as algas brancas”- ; (IV) “Em Chicago. Cidade-Cogumelo da Riqueza, do Risco e da Excentricidade e da Pobreza, da Banalidade, da Uniformidade”; (V). “Despedida de Nova Iorque e da América Feliz. Das Luzes da Broadway a Harlem, Cidade Proibida”.

⁶ Como esclarece o Autor, em nota de rodapé: “Grande parte dos trechos aqui compendiados foi publicada no [jornal] *Diário de Lisboa*” (1963:9)

Nesta viagem, o escritor, a convite da Companhia Air France, integrava uma “caravana” de catorze jornalistas europeus, “de diversas origens e tendências”.⁷ Este grupo partira de Paris para acompanhar o primeiro voo experimental Nova Iorque – Paris, realizado num “jacto intercontinental”, o «Château de Versailles», fabricado pela Boeing, na famosa zona industrial de Seattle. Apesar de estar a cumprir a sua função como jornalista, acaba por fazer, nesta cidade, aquilo que se chama actualmente turismo industrial.

Em **Paris**, após ter visto, numa “escapada” que deu a **Montparnasse**, *Becket ou l’honneur de Dieu* de Anouilh, deixa a cidade “sob a neve”, apesar de, paradoxalmente, nos **Campos Elísios** um cartaz exibir o filme de Luís Buñuel *La fièvre monte à El Pao*. Deixa para trás as estátuas da **Place de l’Alma**, da **Concórdia**, das **Tulherias**, cobertas de gelo, e cruza o Atlântico para o **Canadá** (1963: 263).

De “**Mont-Réal**” voam para **Chicago**, onde haveriam de voltar. Após esta “pausa excitante” (1963: 264), “sobrevooam milhões de acres de floresta e rancho: Helena paraíso do ouro e da vida outrora selvagem, essas montanhas e planícies de Montana [...] ainda não há muitos anos infestados por esses mesmos «Sioux» e «Chippew», cuja energia agora se limita a um protesto obstinado contra os *écrans* da TV, onde eles continuam, ululantes, a massacrar regimentos de cavalaria. Mas a verdade é que esta foi desfigurada hoje ou não pelo ponto de vista do vencedor [...] Por sobre os contrafortes das Montanhas Rochosas [...] abeirámos [-nos] do estado de Washington e assim de Portland e finalmente de Seattle” (1963: 264).

3.1. Seattle – “Velocidade – palavra –chave da vida americana e os aspectos fascinantes da criação científica nos laboratórios de pesquisa espacial em Seattle” (1960)

Urbano e os outros jornalistas, “sob um **molho de arranha-céus**⁸ que se elevava acima de uma espraiada **cidade de casinhas**”, desceram para a “mais **poderosa metrópole da construção aeronáutica**”; para “o coração do engenho triunfante, das oficinas perfeitas guardadas por «colts» respeitáveis”; para “as maquetas dos foguetões”; para “os planos gerais [...] da primeira estação da Lua, de uma possível exploração do Sol”, ou seja, desceram para “o centro vivo dos mitos que se vão tornando verdade” (1963: 259 e 264).

O convite da Air France incluía a visita à **fábrica** situada na “cidade dos aviões e dos «Boomerac», esse viveiro formidável de hangares, maquinismos, aeroportos, de laboratórios secretos, com polícia armada à porta [...]” (1963: 262), com uma paisagem

⁷Essa comitiva, segundo o autor, compunha-se de “oito franceses, dois espanhóis, um suíço, um polaco, um italiano e um português, que iam arrancar nos mesmos aviões, nos mesmos hotéis e, amiúde, nos mesmos restaurantes durante sobejos dias e não raro em transe daqueles que dão ao homem, fora do seu habitat, as dimensões da sua íntima face, se é que ele entretanto não experimentou já [...] a urgência de se forjar uma nova máscara...” (1963: 262-263).

⁸ Urbano alerta para o facto de a arquitectura civil ter sofrido alterações: “Os **luminescentes arranha-céus de aço e de vidro** vão já substituindo por todo o lado, aliás com proveito estético, os **opacos buildings de betão armado**” (1963: 259).

policial, militarizada⁹, de filme de espionagem, que contrastava com a geografia do território e das suas áreas residenciais, quase rurais: “a cidade alpestre e hospitaleira da **Ponte Aurora**, da **Colina Magnólia**”, as “**Cascades Mountains**”, “o **Lago da União**”, o bairro “**Queen Ann**” (1963: 264-265), as “escrupulosas **casinhas de madeira**, pintadas na água dos lagos, projectadas para o infinito nas faldas do **monte Rainier**” (1963: 262).

Durante a estada em Seattle, de

“entre as impressões mais fortes, destacam-se três palavras: velocidade, luta e rendimento. Outro vocábulo que a torto e a direito ali me bombardeou os ouvidos, acaso sintetiza estas três impressões ao mesmo tempo que a superlativa: «performance». «Performance» é uma das metas da vida americana. E para lá da «performance», há ainda todo um futuro a conquistar, mensurável em velocidade. [...] outro mundo, não menos humano, apenas enobrecido pelos mitos de «produção» e «record»” (1963: 265).

Após esta e outras considerações mais gerais, que vão da observação que faz sobre “meta” - “que será apenas a felicidade” (1963: 265) - do cidadão americano de categoria mediana, que adquire bens como o automóvel, a casa onde vive, e que ganha bem, verificando, assim, que as “classes nos Estados Unidos” se aferem por dólares e que os “casais empreendedores [...] trepam a pulso um degrau dessa escada doirada da fortuna” (1963: 266), o escritor/jornalista chega a detalhes como os do nascimento (1916) e desenvolvimento da “Boeing”, responsável pela criação, entre outros, do “B-29”, que lançou a bomba atómica sobre Hiroshima, ou do famoso “Boeing 707”, o primeiro criado em 1958, que permitiu dar a volta ao mundo não em oitenta dias, mas em “38 horas” (1963: 267).

Descreve ainda as qualidades técnicas e científicas deste pessoal especializado, que tem “facilidades de aperfeiçoamento ou de investigação”, sendo-lhes facultadas, entre outras regalias, a “liberdade de horários” para frequência de “cursos superiores de electrónica ou de química na Universidade local” (1963: 267). Nas pesquisas militares (que incluem mísseis) e na levada a cabo por uma “aristocracia científica” - composta por uma elite, onde “metade dos peritos ostenta o grau de doutor”, e onde se destacam não só os “laboratórios de voo científico”, mas também os de “geo-astrofísica” ou os de “pesquisa matemática” e de “física” -, o escritor chama a atenção para a possibilidade de, nos domínios não militares, ser consentida “a troca livre de ideias com cientistas de todo o Mundo” (1963: 268).

Também refere que Seattle, onde “os lenhadores e pescadores escandinavos deixaram a sua marca étnica e a sua concepção generosa de convívio [possuía], adentro de um sistema de cooperativas que não será integralmente capitalista nem socialista, a legislação laboral mais progressiva dos Estados Unidos” (1963: 262).

Com a sua habitual erudição, a propósito deste envolvimento científico, relembra Leonardo da Vinci, “arquitecto, engenheiro, primeiro aeronauta, e excepcional inovador da pintura” (1963: 269). Para finalizar o seu relato sobre Seattle, informa-nos que o

⁹ O escritor faz notar que “os **abrigo contra as bombas atómicas** têm proliferado de um modo impressionante nos Estados Unidos durante os últimos anos” (1963: 259), aludindo, deste modo, ao período da *Guerra Fria*.

“foguetão experimental não militar Dyna-Soar”, é “um foguetão experimental, não militar, tripulado por um ou mais homens, que não são cobaias, mas elementos activos, de modo que ele possa regressar, como planador dinâmico à terra” (1963: 270), o que anuncia já o turismo espacial. Ligada à exploração espacial, investigam nos laboratórios um tipo de alimentação especial, composto por algas brancas, que poderá abrir uma nova era no campo da Medicina.

No entanto, face ao mito prometaico do progresso, já anunciado no século XIX e ali, pelo menos aparentemente, concretizado em mito americano, “o mito do americano feliz” (1963: 286), surge a faceta existencialista do narrador, que o leva a interrogar-se da seguinte forma:

“sairá daqui um universo mais perfeito? [...] No mundo “Boeing”, em Seattle, o caos e a esperança são assim como que os dois pratos de uma balança suspensa e incerta” (1963: 267). O autor menciona ainda o sucesso da companhia, mas também alude aos despedimentos que a empresa faz, em certos períodos de crise industrial:

“ela criou uma rede extremamente sólida que se espalhou por vários centros – Renton, Seattle, Washington e Wichita – empregando 80 000 pessoas, as quais dispensa (ainda que o cutelo dos despedimentos em massa pare sobre elas periodicamente) assistência médica, seguros de vida e sobretudo amplas possibilidades de instrução e acesso a escalões superiores. Na competência constante baseia-se a produtividade americana [...]” (Rodrigues, 1963:267)

Do ponto de vista turístico, actualmente **Everett**, a menos de 50 km a norte de Seattle, no Estado de Washington, é uma “cidade”/fábrica, que alberga 36 000 mil operários da Boeing, tendo entrado no Guinness, em 2018, e faz parte dos circuitos turísticos organizados pela empresa, para quem visitar Seattle.

Contudo, as palavras de Urbano ressoam em nós: o *caos e a esperança* dessa *balança incerta e suspensa* da Companhia Boeing (ou de outras empresas ou indústrias, americanas ou não) fazem-nos lembrar os recentes relatos do insucesso do Boing 737 MAX, que vieram a público em 2020 e 2021, embora aparentemente já ultrapassados. Por outro lado, tal como outras empresas, a Boeing, com sede em Chicago, anunciou o despedimento de 16 mil trabalhadores¹⁰ nos seus centros, por causa do impacto da pandemia COVID 19, na aviação (TSF/Lusa, 29 de Abril de 2020), algo que reforçou o impacte negativo que já tinha tido o insucesso do Boing 737 MAX.

3.2. “Em Chicago – cidade – cogumelo da riqueza, do risco e da excentricidade e da pobreza, da banalidade e da uniformidade”

O *escritor viajante* retorna a **Chicago**, ficando instalado no “estupendo” «Ambassador Hotel», “em clima de delícias” (1963: 273). Contacta, assim, com uma cidade que nos parece, utilizando a terminologia bachelardiana, pertencer ao *regime nocturno sintético*, onde o “claro” e o “escuro”, o “bem” e o “mal” não são opostos, mas complementares.

¹⁰ Um dos maiores períodos de despedimentos no Grupo de Aviação Comercial foi em 1971, onde os cerca de 83.700 trabalhadores que se encontravam em 1968, passaram para 20.750.

Chicago é, deste modo, descrita cinematograficamente como a cidade do “crime sindicalizado, sucedâneo do falecido gangsterismo violento [...] dos **matadouros** do Middle West e dos *bookmakers* astutos [...]”(1963: 264), e onde os “«bars» clandestinos [...] permanecem, e com eles a prostituição, os estupefacientes e sobretudo o jogo” [...]”(1963: 275-276). Explica-nos que a “venda ilícita das doses de morfina”, que se deu no pós-guerra, ocorreu dadas “as emergências de ferimentos dolorosos sem possibilidade de auxílio médico [...]”, desenvolvendo-se “o mercado negro da droga”, com a morfina que os utilizadores não restituíam, o que originou “as mais nefastas consequências para a saúde pública” (1963: 276).

Apesar de considerar que “o assassinio e o *old up* não desertaram ainda da capital do Illinois ”(1963: 276) pensa que a cidade, embora “violenta e excêntrica” é “também apaixonante”, referindo o “assombroso **Planetarium** que funciona duas vezes por dia” (1963: 276), o Planetário Adler (construído em 1930), dedicado ao estudo da astronomia e da astrofísica. Chicago é também a urbe dos «business men» e das instituições de caridade” (1963: 264):

“absurda, fabulosa, provinciana e devassa, tem tudo, desde os mais tranquilos burocratas aos mais desonestos traficantes, desde a mais primorosa circulação de automóveis, com **vias de oito pistas de sentidos** até ao caravanseralho das **ruas lôbregas** [que] cresceu arbitrariamente, gigantescamente, num século, ao mesmo tempo por comunidades e **bairros periféricos** [...] com constantes problemas de assimilação e acomodação de **gentes heterogéneas** [...] e no entanto, a verdade paradoxal é que cerca de uma boa metade das **estruturas** desta babélica cidade são muito **pacatas** e convidativamente **residenciais**, como as de um qualquer lírico e sereno burgo da metódica Grã-Bretanha” (1963: 247).

Na terra de “Al Capone”, banhada pelo **Chicago River**¹¹, entre os “camiões de **Pepsi-Cola**” (1963: 260), percorremos com Urbano a sua História, desde o **incêndio de 1871**, à **Lei Seca**, aos **contrabandistas** de álcool e à “**Mafia**”, que “não se extinguiu”, mas “atenuou-se” (1963: 275). Palmilhamos as **ruas** de Chicago, como a **State Street**, com as suas **luzes** nocturnas de **néon** e “**reclamos delirantes**” (1963: 273), os indicadores luminosos da temperatura, a sua **arquitectura monumental**, com “artérias escoltadas de **arranha-céus**” (1963: 275), como o **Prudential Building**, o **Palmolive Building**, o **Tribune Tower Building**.

Com o escritor, visitamos os “**driving theatres**” (1963: 260) e observamos os “**reclamos dos cemitérios**” e os “**salões mortuários de altares multi-religiosos**” (1963: 260). Vagueamos pelo “**Mart**” [o Merchandise Mart, construído em 1930, já foi o maior armazém comercial do mundo, tendo pertencido à família Kennedy], e pelas cinéfilas “**garagens subterrâneas**, com capacidade para 2300 carros” (1963: 276).

Observamos com ele as formas de vida burguesas – desde “os **hospitais de cães**” (1963: 260), à “evolução do americano médio [...] no sentido de um conformismo do

¹¹ Segundo o Autor, é ao cheiro violento a alhos porros que se deve o topónimo índio de «Checagoon» (1963: 274).

tipo germânico” (1963: 275), com “homens bons [...] empenhados no saneamento e progresso da sua capital” (1963: 274), com “a majestade do matriarcado” (1963: 277) e as “dignas esposas e noivas da nata da alta finança” (1963: 273), as viagens, os artigos de luxo – contrastando com as formas de vida mais marginais, como a **prostituição**, o **streap-tease**, os **bares** com os **caça-níqueis**, os **casinos**, ou o “**mercado negro de droga**” (1963: 276).

Com ele deparamo-nos, “Nalgumas praças [...] **esculturas equestres**: não os peles-vermelhas, mas sim as estátuas gloriosas dos índios trucidados” (1963: 276). Escutamos igualmente a sua música: na “**terra de Lincoln**”, os **slows**, os **blues**, o **jazz**, “a música dos vencidos triunfante, a canção africana implantada no mundo atómico, no mundo electrónico”, ouve-se “em toda a parte: nas estações, nos lavabos, nos barbeiros, nos **restaurantes**, nas “**cafetarias**”, nos «**drug-stores**»” (1963: 277-278).

Mas, como a “América não era apenas Seattle, a aproximação da «comfortable life» para todos, nem seria somente Chicago, com as suas contundentes hierarquias argentarias, a Costa de Ouro dos milionários à borda do Lago Michigan” (1963: 273), o *escritor viajante* termina o seu périplo do em Nova Iorque.

3.3 Nova Iorque – “Despedida de Nova Iorque e da América feliz, das luzes da Broadway a Harlem, cidade proibida”

Para o Autor, a “opulência dos **museus**” (1963: 269) nova-iorquinos, como a do “**Guggenheim Museum**”, impõe-se, tal como a “vitalidade de uma **literatura** onde Steinbeck, Caldwell, Hemingway, Faulkner, Scott Fitzgerald»” ou, mais recentemente, “Frederick Bücken e Jack Kerouack”, que para ele “representam um surto poderoso e uma teimosa afirmação espiritual” (1963: 269).

Apesar dos **néons** dos **arranha-céus** de **Manhattan**, paradoxalmente para o autor são “frias” as suas **ruas**, onde se acendem à **noite** “todas as noites, as **luzes** infinitas, as luzes multicores, luzes americanas, da **Terra de Promissão** [...]” (1963: 279). Considera que na “**capital do dólar**”, “as verdadeiras catedrais, os mais ornados e resplêndidos monumentos [...] eram os **bancos** [...] lógico é [...] que assim seja, num país que abertamente venera a riqueza e a arte de a conseguir” (1963: 279).

Urbano visita igualmente os “templos” mais “**espirituais**”, ou seja, as “**igrejas**”, mas a ironia, ou a tristeza, apodera-se do viajante, quando verifica que a “a mais antiga e mais formosa, a célebre e enegrecida **Trinity Church**”¹² está “precisamente” situada “no coração de **Wall Sreet**” (1963: 280). No entanto, o **cosmopolitismo** de Manhattan é evidente: ali “podem ouvir-se todas as línguas” (como no Bairro Latino de Paris) e ler-se cerca de duzentos jornais em diversos idiomas” (1963: 279).

Parece algo diferente a visão de Eça de Queirós, no que respeita ao património arquitectónico religioso, gótico ou neo-gótico de Nova Iorque quando, em carta de 1873, quase um século antes da visita de Urbano, descreve as suas impressões sobre a cidade:

¹² Mandada edificar em 1696, e reconstruída em 1846, após o grande incêndio de Nova Iorque, em 1776.

“Nova Iorque não tem civilização: a civilização não é ter uma máquina para tudo – e um milhão para cada coisa [...] Nova Iorque é um *tour de force* de brutalidade, - nada mais. E no entanto, meu amigo, que diabo – é necessário amá-la. Com as suas **grandes avenidas** [...] com as suas **igrejas góticas** [...] com o seu **sumptuoso ruído** [...] com a sua **originalidade**” (Queirós, cit por Martins, 2011: 185).

Retomando Urbano, *flaneamos* com ele “de olhos erguidos”, “entre esse renques desmesurados de **hotéis, escritórios e estabelecimentos** (que já na **Broodway** [...] se humanizam, se indisciplinam [...])” (1963: 279), e pelas “**docas de Brooklin**”, que nos recordam o comevedor relato de Aster, sobre a famosa ponte que cruza o rio Hudson:

“Há muitos anos que Blue não atravessava a **ponte de Brooklin** a pé. A última fora com o pai, quando ainda era criança, e a recordação desse dia ocupa-o então [...] À sua esquerda fica a **Estátua da Liberdade**; à sua direita **Manhattan**, os **edifícios tão altos** à luz do sol da manhã que até parecem **produtos da imaginação**. O pai adorava saber coisas e contou-lhe a história de todos os monumentos e arranha-céus, vastas ladainhas de pormenores [...] e como a certa altura a ponte de Brooklyn era a estrutura mais alta da América [...] Como **John Roebling**, o arquitecto da ponte, ficou com um pé esmagado entre os pilares da doca e um *ferryboat* poucos dias depois de terminar o projecto, morrendo de gangrena em menos de três semanas” (Aster, 2003: 156).

Os “**cemitérios definitivos de Bronx**”, os “**parques de Queens**”, ou as “**mediocráticas residências de Richmond**”, não são igualmente alheias ao deambular do viajante. Na “**Rockfeller Plaza**”, nota que

“a qualquer hora do dia ou mesmo da noite”, se podia admirar “as gráceis evoluções de alvas **patinadoras**, esvoaçantes sobre o gelo [...] borboletas nesse poço de luz branca, cavado em meio dos **fusiformes, totémicos arranha-céus, infinitamente esguios - e belos**. Porque o são” (1963: 279).

Do ponto de vista social, verifica que nesta cidade coexistem “agrupadas em **bairros** [...] as mais **contrastantes comunidades**” (1963: 281), fruto de um surto emigratório provindo de oriente e de ocidente, e que representam uma grande heterogeneidade de raças, costumes, tradições, dedicando-se muitos destes emigrantes, ou os seus descendentes, a profissões específicas.

Se o “**Latin Quartier**” é o espaço dos *beatnicks*, já “**Greenwish Village**” é o *habitat* dos “artistas barbudos”, da “boémia”, do “snob” “falso esfarrapado”, do “**Victory Arch**”, do “**Five Spot**» e das boîtes (1963: 279). Se é em Greenwich Village (distrito de Manhattan, cidade e estado de Nova Iorque), epicentro da contra-cultura dos anos 60 do século XX, que vamos encontrar U. T. R. e, com ele, as suas impressões da época, é também ali que Rodrigues Miguéis se encontra, a partir de meados dos anos 30, dando-nos algumas informações complementares sobre a importância deste lugar, antes de este se tornar num espaço ocupado pelos *snoobs, falsos esfarrapados*, nas palavras de Urbano.

Miguéis fará parte do “Comité Norte-Americano para Defesa da Democracia em Portugal” (1945), como nos descreve em *Paços Confusos*, e reúne-se, entre outros locais da América, na “obscura Prince Street, do Greenwich Village”, num clube de trabalhadores que ajudara a organizar, e onde o escritor e os operários fabricavam “revolução e futuro” (1982: 78). Anteriormente à década de 60, em Greenwich Village, também se encontrava gente que associava o ativismo político negro com a música, em locais como o “Village’s Café Society” (entre os anos 30 e 40) ou o “Village Vanguard Café” (fundado na década de 30 até à actualidade), onde nos vamos deparar com nomes como Billie Holiday ou Nina Simone, respectivamente.

Recordamos o movimento “Black Lives Matter” (iniciado em 2013), quando lemos Urbano, que recorda a “dolorosa a impressão” que lhe causou **Harlem**:

“imenso bairro reservado, onde os brancos nunca ou quase nunca vão”, a “**Jerusalém Negra**”, semelhante às “cinturas negras de El Salvador”. E contudo, como acrescenta o escritor, paradoxalmente os americanos têm um “estilo de vida profundamente [...] dominado de avatares negros: a música [...] as danças espasmódicas [as] rainhas de beleza e até os fetiches e os tabus.... Em todos os domínios da vida superior americana penetram os fermentos negros. Só o negro [...] fica ainda à porta, de chapéu exótico enfeitado com as suas clássicas penas garridas e com o sorriso da criança...ou do proscrito em sua casa” (1963: 285-286).

E, sobre a segregação racial na América, assevera:

“Nenhum negro é tão infeliz, tão solitário, como o negro intelectual. Sobretudo, uma vez findo os seus estudos, quando lhes mede bem a inutilidade prática. Porque se, de facto, os linchamentos são fenómenos monstruosos, anomalias combatidas pela Lei [...] se os energúmenos do Klu-Klux-Klan ou de quaisquer outras comunidades segregacionistas do Sul não representam os Estados Unidos [...] tal não significa ainda, nem por sombras, sentimento de igualdade social...afinal o singelo sentimento de igualdade perante Deus” (1963: 285).

Já “**China Town**” é uma “terra transladada”. Não a considera uma “Pura cidade chinesa”, apesar “dos **caracteres desenhados**, das **lanternas mirabolantes**, das **lojinhas** delicadas e sem fundo, das **casas de chá** convidativas”, mas atesta sim que na “cidade sino-americana [...] ferve já a pressa voraz do **dólar**” (1963: 279). Segundo lhe dizem é “Foco [...] de delinquência juvenil [...] e contudo ainda salão de medidas, sacrário de usos e costume”, ali assistiu a um “delicioso casamento [...] chinês” (1963: 279). Sobre essa *terra*, nos nossos dias cada vez mais *transladada*, sobretudo economicamente, não podemos deixar de recordar as palavras de Lourenço (1999: 106):

“Para inglês ver, a China eterna e a recente das «duas vias» representaram impassíveis, no palco da nova jóia da sua coroa, também imperial, a comédia mediática que o Ocidente esperava delas, mas não mudarão uma vírgula à sua determinação de acabarem, de uma vez para sempre, com o papel subalterno que a mitologia ocidental lhe reservou durante séculos. Alheio à tardia inquietude do Ocidente democrático, o relógio de Tiananmen marcou no momento exacto a hora do Oriente. Do Oriente dos Orientais, não do nosso. Não é o fim da história, é só o fim da nossa como imaginária

senhora da consciência universal, que nunca existiu como Hegel ou mesmo Marx a sonharam [...] O mundo real tornou-se definitivamente redondo.”

Na observação dos costumes, se tomarmos em atenção algumas análises contemporâneas sobre o *american way of life*, e apesar de actualmente ficarmos surpreendidos com as imagens da TV sobre os *black friday* americanos, Urbano surpreende-nos com afirmações como esta:

“O desdém, o desinteresse manifesto dos Americanos pelos saldos, que na Europa movimentam ainda as hostes afanosas da pequena burguesia ou do alto proletariado [...] tem a sua explicação: é que nos Estados Unidos o crédito é a base de todas as transacções [...] Aqui inclusivamente pouco se compra a pronto [...] o facto de ter muitas dívidas significa sobretudo que imensa gente deposita confiança em si, no seu empréstimo, nas suas qualidades de iniciativa, no seu talento de recuperação. Assim a vida assenta toda no crédito. [...] um dos sóis da vida americana é realmente a esperança” (1963:282).

Na “**cidade-loja onde tudo se vende**”, “sobretudo **máquinas**”, ao lado do “homem de rua, privado de cultura humanística, mas muito respeitável no seu interesse pelo avanço técnico e suas maravilhas, uma nova geração de escritores surgiu [os] exploradores do labirinto das consciências, inadaptados ao presente, esmagados pela solidão, indiferentes ao vasto palco do mundo exterior, atentos às palavras do sonho”, como William Goyen (“romancista-poeta prodigioso de *The house of breath*”), Truman Capote, Gore Vidal e Carson Mc Cullers. Contudo, o *cidadão e escritor*, sonhador também, mas sempre implicado com a *res publica*, considera esta nova geração como uma “Estranha gente insocial [...]” (1963: 283), pois vira as costas aos problemas reais.

Sem fechar a porta à Esperança, o Autor, que viveu sob as malhas da censura salazarista da época, tece porém lucidamente um comentário actualíssimo que serve, quanto a nós, como alerta para a(s) nossa(s) sociedade(s) impregnada(s), cada vez mais, pelo *american way of life*:

“o Cinema e sobretudo a TV, ameaçam homogeneizar o povo americano (a burguesia como as classes proletárias) numa plataforma de ingénuo simplismo que aos olhos de um Europeu civilizado aparece como vizinho, por vezes, da imbecilidade. Tal não obsta a que eu tenha encontrado precisamente entre alguns investigadores de Seattle, homens de ciência cem por cento (consoladora descoberta), quem me tivesse recitado Lorca integralmente e houvesse lido Sartre, Huxley, Pasternack e Chokolov, Malreaux, Mallaparte e Sillone.” (1963: 269-270).

4. RESULTADOS – PROPOSTA DE ITINERÁRIOS

Segundo Giordana (1996: 12), um itinerário turístico é: “le déplacement en tant qu`activité touristique qui cautionne le tourism itinérant”. A natureza deste itinerário pode ser terrestre, marítimo, aéreo. Tal como as do turista, as viagens de U.T.R. realizaram-se de carro, autocarro, comboio, barco e avião.

O tema, segundo Giordana (1996), pode ser a descoberta do património cultural, histórico, gastronómico, desportivo. A duração pode variar (desde horas a semanas...);

a organização pode ser individual ou colectiva, auto-organizada ou organizada por um intermediário, podendo estes critérios entrecruzar-se. O itinerário pode realizar-se individualmente, ou por um casal com ou sem filhos, por uma família ou por um grupo. O itinerário poderá ter oferta ou não de serviços (restauração, alojamento, etc.). Finalmente, a forma do itinerário pode ser linear (sem voltar ao ponto de partida); e em “boucle” ou em “marguerite” (em que a volta ao ponto de partida ou a passagem por esse ponto poderá estar previsto). Podemos, assim, construir um ou mais itinerários, visto que esta estrutura, tal como a *Obra Aberta* (Eco, 1972) permite uma diversidade de pontos de partida e mesmo de chegada.

No caso dos itinerários literários propostos, estes compreendem dois países: a Inglaterra e os EUA, sendo facultativa a visita a França (Paris) ou ao Canadá (Montreal). Mesmo numa viagem estandardizada, organizada por uma agência de viagens, que não tenha apenas um propósito apenas literário, pode enriquecer-se um circuito, ou um itinerário turístico, com a leitura de textos literários (Leitão e Ambrósio, 2017).

Deste modo, os textos aqui sugeridos, no caso de uma viagem em grupo, organizada por uma agência de viagens, poderão ser na íntegra distribuídos previamente, para que o turista os leia, e assim se prepare para melhor desfrutar dessa experiência. Dependendo das circunstâncias, os mesmos podem igualmente ser lidos no autocarro turístico por um guia-intérprete, durante a aproximação a um lugar, se o caso for a apresentação geral do mesmo, em que a Literatura - para além de outras informações de ordem cultural transmitidas - é utilizada para enriquecer a imagem desse lugar, ou podem ser lidos pelo profissional de turismo, *in situ*, no lugar que se está a visitar, ampliando, assim, o entendimento e a fruição do mesmo.

Seguindo os passos do Autor, o nosso primeiro itinerário (mapa 1), no caso a Inglaterra, partiria de Lisboa (o autor não especifica, no texto, o local de onde teria partido, em 1954) e teria como objectivo principal a cidade de Londres e os lugares referenciados nos textos, o mesmo acontecendo com a cidade de Cambridge e Stratford-On-Avon. Seria preferencialmente aéreo, mas caso fosse terrestre, poderia ter mais paragens.

A visita aos Castelos de Kenilworth (actualmente ainda em ruínas) e Warwick (ambos no Condado de Warwickshire) seria igualmente proposta, visto que o Autor visita estes dois monumentos, antes de chegar a Straford-upon-Avon, no mesmo Condado. Em Warwick (capital do Condado), o Castelo, fundado por Guilherme I, o Conquistador, em 1068, a partir de 1978 foi aberto ao público como atracção turística, realizando, entre outras actividades, animação e refeições medievais, que reconstroem esse período histórico.

Apesar de actualmente este Castelo fazer parte de um património explorado de forma diferente da época em que Urbano o visitou, os seus *jardins*, as suas obras de arte (o *recheio do castelo*), e a *sala de aparições*, as narrativas sobre fantasmas, continuam a fazer parte do programa que o visitante pode desfrutar. Conta a “lenda” que Temple Park, actual Castle Park, a sul do Castelo, era um feudo dos Templários, que detinham ali um “solar”.

No segundo itinerário (2), seguindo as pisadas do autor, podemos partir de Paris, cidade que se poderá visitar ou à ida ou à volta, cidade de referência para o Autor, que muitas vezes a evoca em lugares diferentes, estabelecendo analogias no que respeita ao sentimento do lugar que está a ver. Podemos ou não aproveitar para fazer uma primeira paragem em Monreal (Canadá), seguindo depois para Seattle, Chicago e Nova Iorque. O

regresso poderá ser ou para Paris ou para Lisboa. Tal como em Inglaterra, em qualquer das cidades americanas estão igualmente indicados a bold, nos textos transcritos, os lugares e modos de vida mais emblemáticos referidos pelo autor, que se poderão percorrer, entre outros.

Figure 1: Itinerário 1

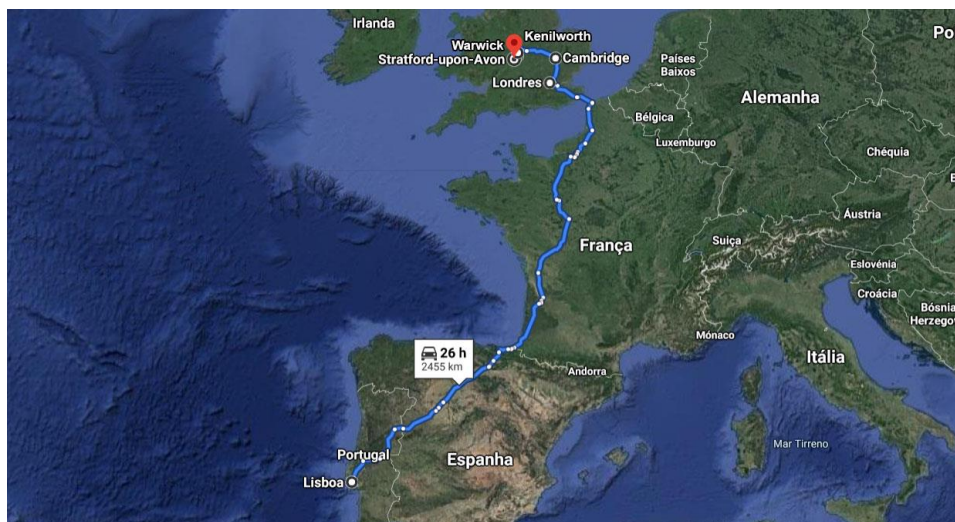
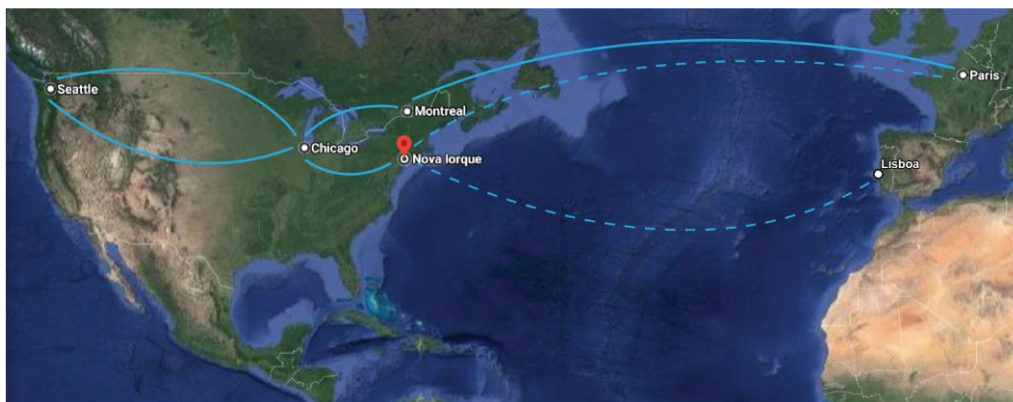


Figure 2: Itinerário 2



5. REFLEXÕES FINAIS

“Enquanto dura, o que nós chamámos o caos evoca a ideia não apenas de confusão e desordem dos elementos, mas uma espécie de incapacidade do espírito para compreender e, ainda menos, dominar um estado de coisas, do mundo, da sociedade, da história, onde não se vislumbra a sombra de uma ordem.”

(Eduardo Lourenço, *O Esplendor do Caos*, 1999)

O presente artigo, após uma breve apresentação de Urbano Tavares Rodrigues, levou-nos num primeiro momento a reflectir sobre a importância da Literatura, nomeadamente a Literatura de Viagens, e a sua potencialidade em produzir experiências turísticas. Essas experiências, transmitidas por *escritores viajantes* e *viajantes escritores* em diferentes contextos, conferem à Literatura um lugar de destaque para o possível desenvolvimento de itinerários turístico-literários.

Ao pretendermos fornecer conteúdos literários, para a construção destes itinerários, analisámos as obras propostas, seleccionando os textos literários mais apelativos. Desta forma, pretendemos sugerir a visita a territórios como a Inglaterra e os EUA, quer convocando os *literary pilgrim*, quer possibilitando uma interpretação destes lugares e respectivo patrimónios ao turista “normal”, através da leitura, *in situ*, desses textos. Nestes cenários, privilegiámos os textos de Urbano Tavares Rodrigues, mas também evocámos outros escritores, como Eça de Queirós e Rodrigues Miguéis, ou mesmo o americano Paul Aster, de forma a abrir a leitura destes lugares a outras interpretações, a outros imaginários e representações.

Ao contrário do romance ou da novela, em que Urbano Tavares Rodrigues privilegia a narração em detrimento da descrição, os seus relatos de viagem revelam um tipo de descrição que evoca as pinceladas queirosianas, a paleta e as tonalidades de Raul Brandão, o amor à paisagem e ao “hombre de carne y hueso” de Miguel de Unamuno.

Este tipo de descrição é esteticamente eclética, marcada quer pela dimensão social, ética e política, quer pela dimensão poética e lírica. Nesse sentido, a “paisagem” que Urbano nos desvenda - geográfica, humana, histórica, literária, arquitectónica, artística, científica, social - favorece a realização de itinerários literários, pois desperta a imaginação do turista e do *viajante culto*.

Embora as marcas temporais nos textos sejam algumas, nomeadamente no que respeita, a título de exemplo, o uso do chapéu de coco na City de Londres, comparando o seu uso nos anos 60 e na actualidade, ou na investigação científica haver novos desenvolvimentos, nomeadamente em Silicon Valley, nos EUA, o património material e imaterial parece manter-se, na generalidade, quer em Inglaterra quer nos EUA.

Apesar de sabermos dos novos riscos que ameaçam o mundo (como o terrorismo ou o COVID-19), se Londres nos parece continuar *imutável* (nas palavras do escritor), o mesmo parece acontecer nos EUA: com o mesmo desenvolvimento científico e quase com o mesmo ambiente fabril e económico. Quase porque nos lembramos, entre outros acontecimentos, o da notícia da cidade de Detroit, o coração da indústria automóvel, que declarou falência em 2013, facto esse que arrastou para a miséria milhares de americanos ou, anteriormente, a Grande Recessão, que encontrou no filme, agraciado com três óscares pela Academia de Hollywood (Abril de 2021) *Nomadland – Sobreviver na América*, o meio para mostrar a imagem da América de forma diferente da que nos é habitualmente servida no cinema ou na TV.

No passado ou no presente, sob múltiplas formas, a sociedade americana continua a mostrar ao mundo as suas contradicções. Uma América que continua a ser o país com a mesma heterogeneidade de raças e credos religiosos; com as mesmas manifestações culturais e quotidianas e até, diríamos nós, com as mesmas políticas, desde as integradoras às marginalizadoras.

Embora a *indústria turística* tenha sido, a nível mundial, uma das mais afectadas com a globalização do COVID-19, que provocou um desemprego infinitamente mais grave que as crises de excesso de produção industrial, como as devastadoras *depressões* do final do século XIX e a dos anos 20 do século passado, pensamos que os conteúdos literários e o património associado ao Turismo Literário, como as Casas-Museus de Escritores, ou os lugares referidos nas suas ficções ou nas suas biografias, continuam a ser uma mais valia para este tipo de *indústria*.

A Literatura, nomeadamente a de Viagens, proporciona igualmente um valioso contributo para os modernos estudos ecológicos, nomeadamente para compreendermos quer a permanência de certos territórios como destinos turísticos, quer a transformação e valorização de lugares, que anteriormente atraíam mais os *viajantes cultos* do que os turistas, como é o caso do turismo industrial.

O périplo de Urbano, para além do lúdico, busca igualmente o enigma, o genuíno estado de viver a aventura, de conhecer o Outro e os outros lugares. De conhecer os seus aspectos diurnos e luminosos, bem como as suas dimensões nocturnas e sombrias, ou, como diria Eduardo Lourenço, de mergulhar nesse paradoxo do *Esplendor do Caos*. Algo que poderá ser inerente ao *viajante*, e talvez ao *turista*. Deste modo, dá-nos a possibilidade de reflectir sobre a *peregrinatio* do próprio Homem.

BIBLIOGRAFIA

- Arcos-Pumarola, J. (2019). *El patrimoni literari com a recurs turístic i educatiu: anàlisi de les destinacions literàries*. Lleida: Universitat de Lleida, Tesis Doctoral.
- Aster, P. (2003). *A Trilogia de Nova Iorque*. Porto: Público.
- Boeing – <https://www.boeing.com>, consultado em 21-4-2021.
- Cristóvão, F. et al (2009). *Literatura de Viagens. Da Tradicional à Nova e à Novíssima*. Coimbra: Almedina, CLEPUL.
- Giordana, J.L. (1996). *Voies et Voyages, Itinérance et Tourisme*. Paris: Ministère de L'Équipement, du Logement, des Transports et du Tourisme et TER.
- Herbert, D. (2001). Literary Places, Tourism, and the Heritage Experience. *Annals of Tourism Research*. 28 (2), pp. 312-333.
- Leitão, I. (2016). Reflections on Writer House Museums and Foundations and Literay Tourism in Some European Countries and in Portugal. *New Challenges Strategies and Trends in Tourism and Management*. Chapter XII, Book 1, 2nd Ed. Faro: Universidade do Algarve/ Escola Superior de Gestão Hotelaria e Turismo, pp. 221-240.
- Leitão, I., Ambrósio, V.(2017). A Viagem Literária no Âmbito do Circuito Turístico. *International Journal of Scientific Management and Tourism*. Córdoba: iManagement and Tourism. V. 3, Nº4, October 2017, pp. 609-630.
- López, L. (2004) “Hacia un perfil genérico de los libros de viajes”, *Relatos de Viajes Contemporáneos por España y Portugal*. Madrid: Editorial Verbum.

- Lourenço, E. (1984). *As Marcas do Exílio na Obra de José Rodrigues Miguéis. Gente de Terceira Classe*. Lisboa: Ed. Estampa.
- Lourenço, E. (1984). *O Esplendor do Caos*. Lisboa: Gradiva.
- Martins, A.M.A. (2011). *Antero de Quental e a Viagem à América. Remando contra a Maré*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Miguéis, J. R. (1982). *Paços Confusos*. Lisboa: Ed. Estampa.
- Rodrigues, U. T. (1963). *De Florença a Nova Iorque*. Lisboa: Portugália Editora.
- Rodrigues, U. T. (2005). *Cidadão e Escritor*. Moura: Câmara Municipal de Moura.
- Tavares, U. T. (1958). *Jornadas na Europa*. Mem Martins: Publicações Europa-América,
- Watson, N.J. (2006). *The Literary Tourist. Readers and Places in Romantic and Victorian Britain*. London: Palgrave Macmillan.